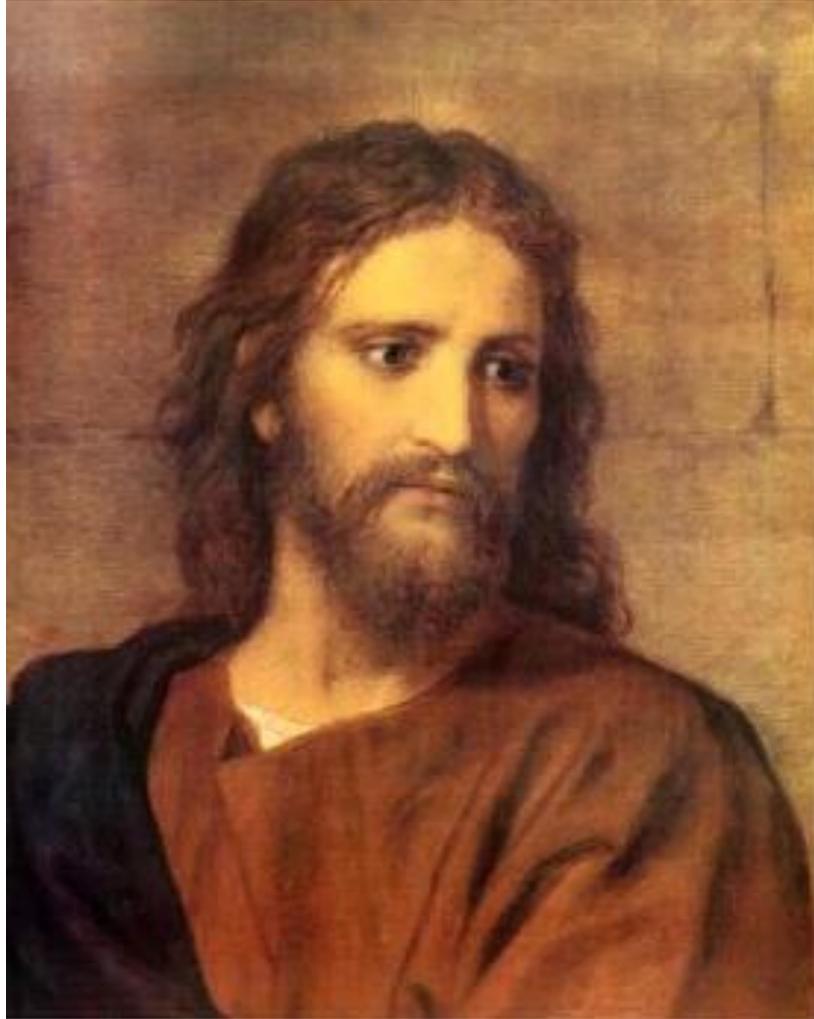


Max Heindel
Cristianismo Rosacruz



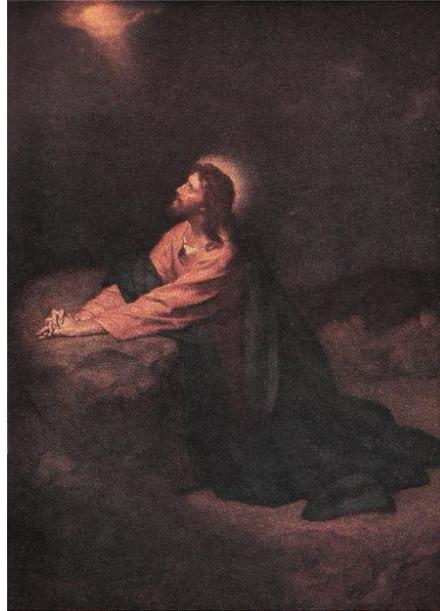
Conferência XVIII
A Oração do Senhor



Fraternidade Rosacruz
Centro Autorizado do Rio de Janeiro
Matriz: The Rosicrucian Fellowship

CONFERÊNCIA XVIII

A ORAÇÃO DO SENHOR



Jesus no Gethsemane

*Johann Michael Ferdinand Heinrich Hofmann
(March 19, 1824–June 23, 1911)*

Muitas pessoas que hoje meditam seriamente sobre os problemas da vida superior infelizmente têm desprezado os métodos da igreja primitiva e a crença nos ensinamentos da igreja relativos à remissão dos pecados; descrêem do poder salvador da fé, da eficácia da oração e de dogmas afins. Se, sob o ponto de vista de tais pessoas - que buscam a verdade de modo honesto e sincero - essas coisas possam parecer apenas falácias evidentes, pedimos para o que vem a seguir uma atenção imparcial, a fim de que então a matéria possa ser julgada. Vistos deste modo, os ensinamentos da Igreja aparecerão clareados por uma luz até aqui não percebida, a qual emprestar-lhe-á uma nova dimensão e um significado mais amplo e mais satisfatório ao coração e perfeitamente aceitável pelo intelecto.

Muitos de nós, impelidos pela Razão, afastamo-nos da Igreja, embora com o coração sangrando. Desde então, nossas vidas ficam vazias, porque só os conceitos intelectuais de Deus e dos propósitos da vida não podem satisfazer-nos. Que a nova luz possibilite àqueles que anseiam pela fraternidade da Igreja retornarem aos seus lugares com renovada devoção, nascida de uma compreensão mais profunda das verdades cósmicas incorporadas ao ensino da mesma, é o sincero desejo do autor e o motivo pelo qual enuncia os seguintes.

Para os estudantes de Religião Comparada, um fato é muito notório: quanto mais longínquo o passado, mais primitiva a raça, mais grosseira a sua religião. E, à medida que o homem avança, também avançam suas ideias religiosas. Os pesquisadores materialistas concluem disso que

todas as religiões são obra do homem, que todos os conceitos sobre Deus originam-se na imaginação humana. A falácia de tal ideia fica clara quando consideramos a tendência para a auto-preservação verificada em tudo o que tem vida. Onde só a Lei de Sobrevivência do mais apto governa, como sucede entre os animais - onde a força é o direito - não há religião. Não há, até que um poder superior *externo* se faça sentir. Então, a lei do mais forte cede lugar à Lei da Auto-Abnegação, que entra a atuar como um novo fator de vida, conforme acontece em certa medida até que na mais atrasada religião. Huxley reconheceu esse fato em sua última conferência quando assinalou que enquanto a Lei da Sobrevivência do mais apto marca a linha do progresso animal, a Lei do Sacrifício é o cerne do avanço humano, porque é a lei que leva o forte a cuidar do fraco; que leva o primeiro a dar com alegria aquilo que facilmente poderia negar, e fazendo-o ainda prosperar em razão de tais dádivas.

A razão dessa anomalia não pode ser descoberta pelo materialista. Do ponto de vista deste, tal questão permanecerá sempre como um enigma insolúvel. Mas se compreendermos que o homem é um ser composto de Espírito, alma e corpo; que o Espírito manifesta-se em pensamento, a alma em sentimento e o corpo em ação; e que este homem tríptico é a imagem de Deus Triuno, seremos por isso mesmo capazes de compreender a pretensa anomalia, porque, em decorrência dessa sua constituição, tal ser composto seria peculiarmente apto a responder tanto a vibrações espirituais quanto a impactos físicos.

Quando vemos quão pouco se importa a maioria das pessoas com a vida superior, podemos imaginar que deve ter havido uma época em que o homem era quase totalmente insensível às vibrações espirituais do universo. Então, ele devia sentir apenas, de modo vago, uma força, poderes ainda imperceptíveis para nós no presente, mas que, não obstante, atuam tão fortemente agora como atuavam no passado.

O homem precisava ser guiado para o seu próprio bem futuro. Por isso, e a fim de conduzi-lo apropriadamente e ajudar sua natureza superior a dominar sua natureza inferior - a personalidade - teve esta que ser trabalhada primeiramente pelo *Medo*. Dar-lhe uma religião de amor ou tentar a persuasão moral, teria sido absolutamente inútil numa fase em que o Ego atravessava a sua infância e a natureza animal da personalidade era soberana. O Deus que pudesse ajudar uma tal humanidade precisava ser *um Deus forte*, capaz de atordoar com o trovão e ferir com o raio. Mais adiante, o homem foi ensinado a ver Deus como também sendo *O Doador* de tudo, inculcando-se nele a ideia de que, se cumprisse as Leis desse Deus, *a prosperidade material seguir-se-ia*. A desobediência, pelo contrário, acarretar-lhe-ia *fome, guerra e epidemia*. Para que avançasse um pouco mais, foi-lhe ensinada depois a Lei do Sacrifício, mas como naqueles tempos o homem já prezava enormemente os bens materiais, foi, pois, induzido a sacrificar suas ovelhas e bois *pela fé*, sob a promessa de que “o Senhor deveria centuplicá-lo” e de que “quem dá ao pobre, empresta a Deus”, que sempre recompensa abundantemente. Não havia, pois, nenhuma promessa de céu, o que estava ainda muito longe da capacidade apreciativa do homem. Tanto que, até lhe diziam: “O céu, até os céus são do Senhor, mas a *Terra* deu-a Ele aos filhos dos homens”. (Salmo 115:16)

A seguir, o homem foi ensinado a *sacrificar-se a si mesmo por uma recompensa futura no céu*. Ao invés de um ato *ocasional* de sacrificar uma posse material, como um boi ou ovelha, que o Senhor devolvia a seguir, exigia-se que ele abandonasse seus maus desejos, de modo que pela *“continuidade de seu bem agir, acumularia um tesouro no céu”*, não tendo mais que se preocupar com bens materiais, que os ladrões podem roubar ou que a traça e a ferrugem podem consumir.

Quase todos nós podemos, por curto tempo, experimentar certo grau de exaltação no qual torna-se fácil desistir de tudo num supremo gesto de renúncia. É relativamente fácil *morrer-se* pela fé, como os mártires, mas isso não é suficiente. A religião cristã requer de nós coragem para *vivermos* nossa fé dia após dia, a vida inteira. *Fé num galardão futuro* em um céu muito vago, cujo esboço mal se pode distinguir. Na verdade, os trabalhos de Hércules parecem insignificantes em comparação, portanto, não é de surpreender que a dúvida possa assoberbar-nos qual fardo de Atlas, roubando-nos a fé na benfazeja força que sustenta tudo: o poder de Deus.

De fato, saibamos ou não, nós vivemos pela fé cada minuto de nossas vidas, e na mesma proporção dessa fé somos felizes ou infelizes. Deitamo-nos à noite para dormir, seguros na fé de que nada de mau virá interromper o nosso sono, de que despertaremos pela manhã aptos a continuar as tarefas do dia seguinte. Não fosse esta fé, duvidaríamos do que foi mencionado . dormir calmamente? Certamente que não e, em pouco tempo, estaríamos esgotados física e mentalmente, em via de sermos precipitados de modo prematuro num sepulcro pelo demônio da dúvida.

Quando vamos ao armazém fazer compras, temos fé na honestidade do comerciante, confiando em que ele nos venderá produtos frescos ou bem conservados e não alimento deteriorado. Se assim não fizéssemos, quão desgraçada seria nossa vida. Ao invés de comermos bem, a dúvida roubar-nos ia o apetite, de maneira que seríamos incapazes de comer um prato sadio, pois até o alimento em bom estado faz-nos mal em razão de nossa atitude mental negativa, dúvidas ou medo, segundo os fisiólogos.

Pela fé, deixamos nossas casas de manhã, certos de que a Lei da Gravidade mantê-las —á em seus lugares até o nosso regresso à noite.

Poucos entre nós já viram a sombra da Terra projetada sobre a Lua nos eclipses lunares, dando-se conta de que essa sombra circular é a única prova positiva da rotundidade de nosso planeta, embora todos declarem saber que a Terra é redonda. Sabem-no sim, mas pela *fé* na afirmação de outras pessoas. Assim também, com relação ao fato de que estamos viajando através do espaço a uma velocidade de 1.000 milhas por hora em virtude do movimento de rotação da Terra em torno de seu eixo, e com o fato científico ainda mais espantoso de que nossa Terra, embora parecendo quieta e imóvel, desloca-se a uma velocidade de 1.600.000 cada vinte e quatro horas em sua órbita ao redor do Sol. Estes e muitos outros fatos semelhantes que não podemos

investigar diretamente por nós mesmos, aceitamo-los e vivemo-los todos os dias, chamando-os de conhecimento e neles baseando nosso bem estar e nossa felicidade, tudo em virtude da fé.

Dissemos, em conferências anteriores, que a fé é a força que no homem abre canais de comunicação com Deus e nos põe em contato com a Sua Vida e Poder. A dúvida, pelo contrário, exerce uma influência mais decadente e perniciososa sobre a vida espiritual. Tais são os efeitos da fé e da d'vida, facilmente constatáveis por um exame de sua influência em nossa vida diária. Sabemos como as expressões de fé e confiança nos alentam, e quão deprimidos nos sentimos quando os outros duvidam de nós. Isso é igualmente válido nos reinos superiores, conforme veremos no incidente que se segue:

Quando da visita a Columbus, Ohio, em 1907, assistimos a uma conferência do Prof. Hyslop sobre "Novas Evidências da Vida Post-Mortem". O autor não conseguiu descobrir então um só fragmento de evidência nova nem nada que já nos houvesse sido aduzido pelos relatórios da Society for Physical Research (Sociedade de Pesquisas Psíquicas) em centenas de casos análogos, e perguntou-se por que um homem da categoria do conferencista, que devia conhecer todos aqueles relatórios, podia chamar aos seus resultados de *novas* evidências. O enigma não foi solucionado até alguém nos informar que o *Prof. Hyslop não tinha fé* nas experiências ou resultados de pesquisas do Prof. Cook ou de quem quer que fosse naquele assunto. Na verdade, ele não estava preparado para crer em nada que *ele próprio* não tivesse investigado pessoalmente. Por conseguinte, aquilo que ele apresentou era novidade, havia sido descoberto *recentemente* (por ele). Mas, embora se recusasse a aceitar as provas de outros investigadores, o Prof. Hyslop não teve a mínima hesitação em pedir ao auditório que aceitasse seu testemunho como o único digno de crédito. E, sem querer, deu uma mostra de sua incompetência como investigador, devido ao seu supraceticismo, ao relatar como, certa vez, em uma sessão espírita, recebera uma mensagem de Richard Hodgson (que havia norrido), com o qual marcou novo encontro, desta feita através de outro médium. Então, Hodgson deveria trazer determinadas mensagens, provando assim ser ele mesmo.

À hora combinada, o Prof. Hyslop "sentou-se" com o médium e Mr. Hodgson começou a entregar as mensagens, mas parecendo impossibilitado de responder perguntas. Então, o Prof. Hyslop, não conseguindo conter a irritação, indagou: "o que há com você, Richard? Quando na vida terrena, você sempre respondia prontamente. Por que não pode fazê-lo agora?" Então - contou o conferencista - a resposta veio rápida como um corisco: "*Oh! Cada vez que entro em sua deplorável atmosfera, sinto-me como se estivesse em pedaços...*" A atitude de superceticismo do Prof. Hyslop teve o mesmo efeito desencorajador sobre o espírito comunicante de R. Hodgson que a atitude mental de uma banca examinadora tem sobre um candidato. Se a banca decide que o candidato pouco sabe, ainda que ele esteja então bem preparado como nunca, poderá vacilar, tropeçar, fracassar, enquanto que aquele que realmente pouco sabe pode sair-se bem se apoiado por uma atitude mental encorajadora da banca.

Vemos, pois, que a dúvida e o ceticismo têm efeito deletério e maligno sobre o objeto contra o qual se dirigem, enquanto a fé desperta e amplia nossa capacidade mental assim como a luz do

Sol faz a bela flor desabrochar. Podemos, pois, compreender a necessidade de fé ao nos acercarmos dos ensinamentos espirituais. Encaradas deste modo, estas se mostram em sua verdadeira luz, enquanto a dúvida, a crítica, ou o agnosticismo, devastam ou minimizam a beleza do conceito espiritual do mesmo modo que a implacável geada destrói a mais formosa flor.

Cristo Jesus disse uma vez: “Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, de maneira nenhuma entrará nele.” Nesta sentença esconde-se a chave da atitude mental apropriada. O adulto quando se defronta com um novo ensino, ou rejeita de imediato por tratar-se de algo sobre o que ele ainda não havia pensado, ou que não conhecia até ali, ou aceita-o sem discussão se o mesmo vem ao encontro de suas opiniões e teorias. Faz de seus próprios pontos de vista e conhecimentos o padrão absoluto de verdade pelo qual mede todas as idéias que se lhe apresentam. Contudo, por mais larga que seja sua visão, ela sempre será estreita sob o ponto de vista cósmico.

A criança não está tolhida pelas limitações da pré-conceituação. *Sua mente está aberta a toda verdade*, e aceita com fé, sem hesitar, qualquer ensinamento. O tempo dirá se este é ou não verdadeiro, e só esta prova é por si mesma concludente. O aluno de uma Escola de Mistérios cultiva tal atitude mental, esquecendo-se de tudo o mais sempre que examina um novo ensino ou investiga um fenômeno para ele ainda desconhecido, a fim de prevenir qualquer parcialidade da mente. Naturalmente, não crê de imediato que o preto é branco, mas sempre que uma proposição é-lhe apresentada, ele está pronto a admitir que pode haver um ponto de vista até ali ignorado, pelo qual um objeto tido como branco possa parecer preto ou vice-versa, e esta é uma atitude mental extraordinariamente vantajosa porque o homem que a cultiva será capaz de aprender, de ampliar seus conhecimentos na mesma proporção da criança que mais ouve do que discute.

Portanto, a atitude da criança é, de modo especial, conducente à aquisição de conhecimento, do qual se falou simbolicamente como Reino de Deus, em contraste com a ignorância, condição que reina no homem. Deixemos bem claro que a fé requerida não é uma fé cega nem irracional, apoiada apenas em um credo ou dogma contrário à razão, mas sim aquela significada por uma mente aberta e imparcial, sempre pronta a acolher *qualquer proposição* até que cuidadosa investigação prove ser a mesma insustentável.

Na Conferência anterior, disemos que a Oração abria um canal pelo qual a Vida e a Luz divinas podem fluir sobre o Espírito, do mesmo modo que o acionar de uma chave elétrica abre o caminho que possibilita à corrente fluir da usina geradora para a nossa casa. A fé na oração é a força que aciona a chave. Sem força muscular, não podemos ligar a chave para obter a luz física, e sem fé não podemos orar de maneira a conseguir iluminação espiritual segura. Se oramos por objetivos mundanos, para fins que contrariam as leis do amor e do bem universal, nossas orações serão tão inúteis quanto uma chave de vidro num circuito elétrico. O vidro é isolante elétrico, portanto representa uma barreira ao fluxo da corrente. Analogamente, a oração egoísta representa uma barreira aos propósitos divinos, devendo portanto ficar sem resposta. Devemos, pois, orar corretamente e, no “Pai Nosso”, temos o mais admirável modelo de oração,

porque atende as necessidades do homem a tal ponto que nenhuma outra fórmula consegue igualá-la. Com umas poucas e curtas sentenças, ela abarca toda a complexidade do relacionamento entre Deus e o homem.

A fim de compreendermos devidamente esta sublime oração e capacitar-nos a proferi-la inteligível, consciente e eficazmente, recordemos, de modo rápido, algo do que aprendemos nos capítulos anteriores.

O Pai é o mais alto Iniciado do Período de Saturno.

O Filho é o mais alto Iniciado do Período Solar.

O Espírito Santo é o mais alto Iniciado do Período Lunar.

O Espírito divino e o corpo denso do homem iniciaram sua evolução no Período de Saturno, estando por isso sob os cuidados do Pai.

O Espírito de Vida e o corpo vital iniciaram sua evolução no Período Solar, ficando consequentemente a cargo do Filho, em particular.

O Espírito Humano e o corpo de desejos começaram a evoluir no Período Lunar; portanto, ficaram especialmente sob os cuidados do Espírito Santo.

A mente foi acrescentada no Período Terrestre e não ficou a cargo de nenhum Ser externo, mas apenas sob o governo do homem, sem qualquer outra ajuda de fora.

No Pai Nosso há sete orações, ou melhor, há três grupos de duas orações e uma súplica simples. Cada grupo faz referência às necessidades de um dos aspectos do tríplice Espírito e sua contraparte no tríplice corpo. A frase inicial: “Pai Nosso que estais no Céu” é um mero endereçamento da oração. O diagrama da página seguinte, com a chave do Pai Nosso, mostra esquematicamente a relação entre a Trindade, o tríplice Espírito, o tríplice corpo e a mente, achando-se cada aspecto do Espírito ligado por uma linha à oração especificamente apropriada à sua contraparte no tríplice corpo e dirigida ao seu respectivo aspecto-guardião na Trindade.

O Espírito Humano ergue-se nas asas da *devoção* até seu aspecto-guardião da Santíssima Trindade e profere as mágicas palavras: “Santificado seja o Vosso Nome”.

O Espírito de Vida alça-se nas asas do *amor* e endereça à fonte do seu ser, o filho: “Venha a nós o Vosso Reino”.

O Espírito Divino eleva-se com superior *entendimento* até a matriz da fonte de onde emergiu na aurora dos tempos, o Pai, e manifesta sua confiança na Inteligência onipresente com as palavras: “Seja feita a Vossa Vontade”.

Tendo assim alcançado o Trono da Graça, o tríplice Espírito do homem apresenta seus pedidos para a personalidade, o tríplice corpo.

Então, o Espírito Divino roga ao Pai por sua contraparte, o corpo denso: “O pão nosso de cada dia, dai-nos hoje”.

O Espírito de Vida roga ao Filho por sua contraparte, o corpo vital: “Perdoai-nos as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores”.

O Espírito Humano suplica pelo corpo de desejos com as palavras: “Não nos deixeis cair em tentação”.

E, neste ponto, todos se juntam em um só apelo a favor da mente: “Livrai-nos do mal”.

O apêndice: “Porque Vosso é o Reino, o Poder e a Glória para sempre” não foi dado por Cristo, e não é oração.

Encarando a oração acima sob o ponto de vista analítico, vemos que três são os ensinamentos religiosos a serem dados ao homem para ajudá-lo a alcançar a perfeição, a saber: o da Religião do Espírito Santo; a seguir, o da Religião do Filho; e, por último, o da Religião do Pai.

Sob o regime do Espírito Santo, a raça humana foi dividida em nações e os indivíduos, por sua exclusiva aderência a um grupo, isolaram-se da fraternidade com outras nações. E por falar uma língua diferente, cada grupo separou-se ainda mais dos outros. Foram todos postos sob o jugo de determinadas leis, sendo ensinados a reverenciar o *nome* de seu Deus. Uns o adoravam como Iao, outros como Tao, outros ainda como Bel. Por toda parte, o nome desse *Legislador* era considerado sagrado. O método de separação tinha a vantagem de possibilitar ao chefe dos Espíritos de Raça - Jeová - utilizar-se de um povo para punir a outro que houvesse transgredido a sua Lei, mas isso tinha um inconveniente: estimulava o egoísmo e separava a humanidade em detrimento do bem universal. Diz uma verdade axiomática: “o que não beneficia a todos, não pode verdadeiramente beneficiar ninguém”. Por conseguinte, era preciso encontrar-se uma maneira, um meio de reunir as nações separadas e fundi-las em uma só irmandade universal. Esta viria a ser, como de fato é, a função da Religião do Filho - o Cristianismo. As guerras entre as nações são estimuladas pelo espírito de Raça, mas a Religião Cristã uni-las-á no tempo oportuno, levando-as a converterem suas espadas em arados, trazendo paz à Terra e boa vontade entre os homens, e substituindo o império de raças e tribos pelo *reino* do Filho. Então, um ensinamento religioso mais elevado, a Religião do Pai, unirá a humanidade ainda mais. No reinado do Filho, haverá uma Fraternidade Universal de indivíduos *separados* que terão vários interesses, mas que estarão prontos a dar e receber por amor, subordinando sempre as preferências individuais ao bem comum. Quando, porém, a Religião do Pai tornar-se um fato na vida, o eu submergir-se-á inteiramente num propósito comum, numa vontade única. A *Vontade de Deus* será então feita assim na Terra como nos céus, onde não mais haverá *meu* nem *teu*, mas onde Deus será Tudo em Todos.

Entretanto, certo trabalho precisa ser executado pelo tríplice Espírito sobre o tríplice corpo a fim de que seja este espiritualizado e dele se possa extrair a tríplice alma.

O corpo denso nada mais é que um instrumento irresponsável, mas, apesar disso, é a mais preciosa ferramenta de que dispomos, razão pela qual precisamos dispensar-lhe cuidados e apreço, assim como o bom mecânico preza e cuida de uma ferramenta valiosa. Devemos manter firmemente ante nossos olhos mentais que nós não somos o corpo, do mesmo modo que o mecânico não se identifica com sua ferramenta, nem o carpinteiro com a casa que constrói. Isto é simplesmente evidente quando consideramos que o nosso corpo é um agregado de células em constante mutação, ao passo que nós conservamos a identidade do “eu” em meio e apesar de todas essas mudanças, o que seria absolutamente impossível se fôssemos apenas um corpo denso. Mas precisamos valorizar esse corpo e dele cuidar devidamente. “O pão nosso de cada dia dai-nos hoje” é a quarta súplica. A maioria das pessoas come demais. Para estas, jejuar uma e outra vez pode ser benéfico, mas para aqueles que levam uma vida simples e frugal, o jejum é desnecessário. Quando o corpo é alimentado em excesso, o Espírito pode permanecer forte, mas a carne fica fraca. Por conseguinte, quando um Espírito jovem começa a elevar-se, procura dominar a natureza inferior pelos jejuns e torturas, etc., conforme se verifica entre os yoguis e hindus que maceram o corpo até o emagrecimento extremo a fim de que o Espírito possa brilhar.

Esse erro é tão nocivo ao verdadeiro crescimento espiritual quanto pode sê-lo ao corpo físico o hábito de comer em excesso. Conforme já dissemos, quando o homem pode controlar seu apetite e nutrir seu corpo com alimentos puros, não precisa de jejuns. Ele sabe dar ao seu corpo o pão de cada dia.

Na Ásia, onde as Leis de Consequência e do Renascimento são popularmente reconhecidas e ensinadas abertamente, o povo sabe que, no devido tempo, as ações do homem elevarão a humanidade a um estado de glória suprema. Mas também sabem que é necessário para a evolução e aperfeiçoamento do pensamento, mediante o qual o homem criará no devido tempo - que, por um certo período, toda a sua atenção seja focalizada no Mundo Físico e seu conhecimento das coisas espirituais seja, portanto, turvado. Com o objetivo de alcançar tal fim, os Guias deram aos precursores da raça humana uma bebida letal - o vinho - que fez o homem esquecer temporariamente o suprafísico. Então, ele passou a considerar a vida terrena como a única existente, e começou a lutar e a sacrificar-se para torná-la melhor e assim aproveitá-la ao máximo. Deste modo, a energia ocidental conquista rapidamente o mundo material, enquanto a lassidão oriental apenas contempla. Em épocas futuras, eles também terão de esquecer por uns tempos e seguir nossa trilha de conquistas.

Mas, como a Religião ocidental - O Cristianismo - não ensina como a lei cósmica lentamente purifica o homem e, através de muitas vidas, eleva-o à Divindade, foi possível ministrar-lhe um ensino compensatório para ele não desesperar, já que sua inteligência acusa suas próprias imperfeições e força-o a compreender total impossibilidade de realização espiritual em uma única vida terrena de que dispões, por força das circunstâncias obrigado a dedicar-se principalmente à perseguição de metas materiais. Por conseguinte, foi-lhe ensinada a doutrina da *remissão dos pecados*, pela fé na justiça de Cristo, “O Farol da Esperança”, o “Sol da Justiça”.

É evidente que num universo de leis e da verdade, os Grandes Guias não podem ensinar uma mentira para salvar o homem do desespero, o qual inevitavelmente teria anulado todo o esforço espiritual caso lhe houvessem ensinado apenas a Lei de Consequência, que determina colhermos aquilo que semeamos. A doutrina da remissão dos pecados, pois, deve ser uma Lei da Natureza tanto quanto o é a Lei de Consequência. Na verdade, deve ser uma Lei superior até, uma vez que é capaz de suplantar a última. Ambas têm determinado alcance na vida humana, e a Igreja Católica até ensina a maneira científica de alcançar-se a remissão dos pecados quando encoraja seus membros a examinarem os acontecimentos do dia ao se deitarem à noite, censurando-se a si próprios pelas más ações. Em essência, é algo daquilo que foi ensinado em Conferências anteriores desta obra, ressalvado apenas que o ensino oculto é mais explícito. Os efeitos de maior alcance de tal exercício encontra-se de modo especial na Conferência XI. A benéfica ação da Lei de Consequência, ao purificarmos do pecado de que não nos arrependemos, também consta dos ensinamentos católicos concernentes ao Purgatório, muito embora cometam um engano ao considerarem esse estágio post-mortem como um castigo. Falham também em não perceberem que, mesmo se houvesse ali um diabo pessoal para nos atormentar, a dor que o dito nos infligiria para purgar-nos do mal, seria análoga à dor imposta por um cirurgião ao extrair do nosso corpo uma bala por nós mesmos disparada. O diabo não seria mais vingativo que o cirurgião.

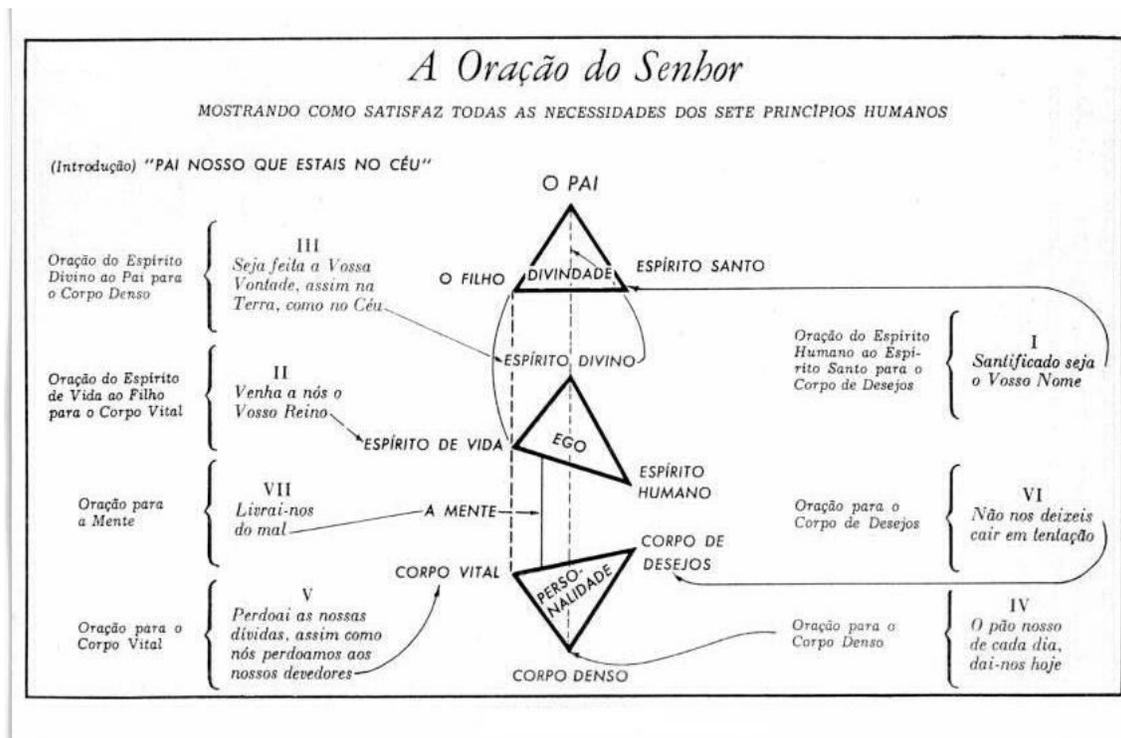
Sendo o corpo vital o repositório do panorama de nossa vida, nossos pecados e as injustiças que os outros nos fizeram sofrer estão nele gravados, daí a quinta súplica: “Perdoai as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores”, que expressa as necessidades do corpo vital. Note-se que esta parte do “Pai Nosso” ensina a doutrina da remissão dos pecados na palavra *perdoai-nos* como também afirma a Lei de Consequência nas palavras *assim como nós perdoamos*, fazendo da nossa atitude para com os outros, a medida de nossa emancipação.

“Não nos deixeis cair em tentação” é a súplica para o corpo de desejos, o repositório de nossas energias e o que incentiva nossas ações através do desejo. Diz, em resumo, uma máxima oriental: “Mate-se o desejo”. A indolência resultante da tentativa de seguir este axioma é um exemplo que o próprio do oriente pode dar. “Mate seu entusiasmo”, é o tolo conselho dado às vezes por aqueles que perdem o auto-controle. O desejo ou entusiasmo é predicado valioso, demasiado valioso, para ser sufocado ou destruído, posto que o homem sem entusiasmo é como o aço sem têmpera: para nada serve. No Apocalipse, seis igrejas são louvadas, mas a sétima é severamente anatematizada por “não ser quente nem fria”, por ser uma congregação inexpressiva. “Quanto maior o pecador, maior o santo” é um adágio verdadeiro porque para pecar precisa-se de energia e quando esta energia é canalizada para a direção certa, então é tanto mais poderosa para o bem, quanto o foi anteriormente para o mal. Um indivíduo pode ser bom apenas porque não consegue reunir suficiente energia para ser mau, então é tão bom que não serve para nada, como os Nicolaitas. Enquanto somos fracos, a natureza de desejos nos domina e pode fazer-nos sucumbir às tentações, mas quando aprendemos a controlar essa natureza, o nosso temperamento, podemos então prosseguir em harmonia com as leis de Deus e dos homens.

A força capaz de dirigir a energia da natureza de desejos encontra-se na mente, daí a sétima súplica - "Livrai-nos do mal" - ser feita tendo ela como objetivo.

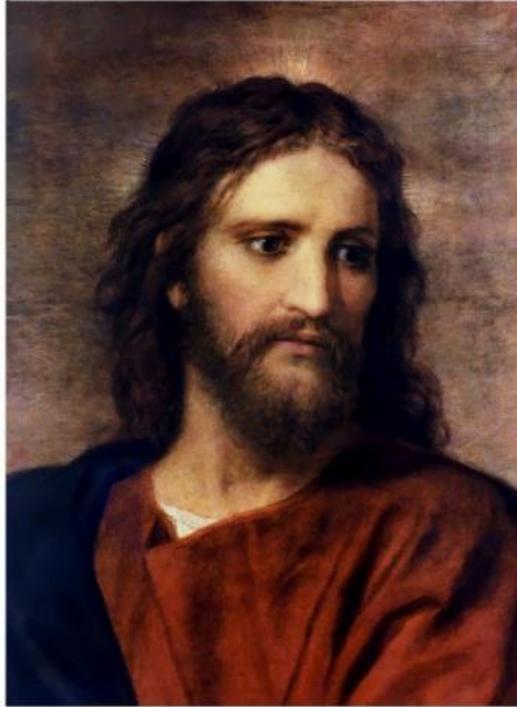
Os animais seguem seus desejos cegamente e não cometem pecado. Para eles, o mal não existe. O mal chega ao nosso conhecimento só através da mente discriminatória que capacita o homem a distinguir diversas alternativas de ação e optar por uma entre tantas. Se ele escolhe agir em harmonia com o bem universal, cultiva a virtude; se escolhe o contrário, corrompe-se. Note-se que a tão decantada "inocência infantil" não é virtude. Absolutamente. A criança ainda não foi tentada nem provada, por isso é inocente. No devido tempo, as tentações da natureza de desejos porão sua índole à prova. Então, o seguir pelo caminho reto ou o desviar-se para trilha sinuosa ficará na dependência da supremacia de sua mente sobre os desejos. Se a mente é bastante forte para "livrar-nos do mal", far-nos-emos virtuosos de modo positivo e mesmo se cedermos à tentação por algum tempo, antes de perceber nosso erro, adquiriremos virtude tão logo nos arrependamos e nos reformemos. Aí, trocamos a inocência negativa pela virtude, que é uma qualidade positiva.

Assim, pois, a Oração do Senhor satisfaz as várias partes constitutivas do homem e indica as necessidades de cada uma, mostrando a maravilhosa sabedoria contida em fórmula tão simples.



Capa:

Rosto de Jesus, detalhe da pintura Jesus Cristo e o Jovem Rico, Johann Michael Ferdinand Heinrich Hofmann (1824–1911)



Fraternidade Rosacruz

Princípios e Finalidade



A Fraternidade Rosacruz, cuja sede mundial está situada em Mt. Ecclesia, Oceanside, Califórnia, foi fundada em 1909 por Max Heindel, que organizou e dirigiu todos os seus trabalhos até 1919, data de sua partida física. Sucedeu-o sua esposa Sra. Augusta Foss Heindel, que durante trinta anos dirigiu a Obra a frente de um Conselho Diretor.

A Fraternidade Rosacruz é uma organização de místicos cristãos composta por homens e mulheres que estudam a Filosofia Rosacruz segundo as diretrizes apresentadas no Conceito Rosacruz do Cosmos. Tal Filosofia é conhecida como os Ensinamentos da Sabedoria Ocidental e estabelece uma ponte entre a ciência e a religião. Seus estudantes estão espalhados por todo o mundo; mas sua Sede Internacional está localizada em Oceanside, Califórnia, E.U.A.

A Fraternidade Rosacruz não tem conexão com nenhuma outra organização. Foi fundada durante o verão e outono de 1909, após um ciclo de conferências proferido por Max Heindel em Seattle. Um Centro de Estudos foi formado e a Sede da Fraternidade se localizou temporariamente naquela cidade. Providencias foram tomadas para a publicação do Conceito Rosacruz do Cosmos. Com a publicação deste trabalho a Fraternidade Rosacruz foi definitivamente estabelecida.

A Fraternidade Rosacruz Max Heindel não é uma seita ou organização religiosa, mas sim uma grande Escola de Pensamento. Sua finalidade precípua é divulgar a admirável filosofia dos Rosacruzes, tal como ela foi transmitida ao mundo por Max Heindel, escolhido para esse fim pelos Irmãos Maiores da Ordem Espiritual.

Seus ensinamentos projetam luz sobre o lado científico e o aspecto espiritual dos problemas relacionados à origem e evolução do homem e do Universo. Tais ensinamentos, contudo, não constituem um fim em si mesmo, mas um meio para o ser humano tornar-se melhor em todos os sentidos, desenvolvendo assim o sentimento de altruísmo e do dever, para o estabelecimento da Fraternidade Universal.

O fim a que se destina a Filosofia Rosacruz é despertar a humanidade para o conhecimento das Leis Divinas, que conduzem toda a evolução do homem, e, ainda:

(I) explicar as fontes ocultas da vida. O homem, conhecendo as forças que trabalham dentro de si mesmo, pode fazer melhor uso de suas qualidades;

(II) ensinar o objetivo da evolução, o que habilita o homem para trabalhar em harmonia com o Plano Divino e desenvolver suas próprias possibilidades, ainda desconhecidas para grande parte da humanidade;

(III) mostrar as razões pelas quais o Serviço amoroso e desinteressado ao próximo é o caminho mais curto e mais seguro para a expansão da consciência espiritual.

Foram publicados livros e organizados Cursos por Correspondência para os aspirantes que desejam estudar as verdades espirituais, mas como auxílio e não como fim em si mesmo, pois o estudo, em si só, não basta. A teoria precisa da experiência, obtida mediante a prática, para ser desenvolvida em sabedoria e poder. E, precisamente, a Fraternidade Rosacruz destina-se a prestar a orientação necessária aos aspirantes, para se chegar à aplicação da Lei Espiritual na solução dos problemas individuais e coletivos.

O Movimento Rosacruz, publica e mundialmente iniciado pelo engenheiro Max Heindel, é fundamentalmente uma Escola de reforma interna para a humanidade, uma Escola de desenvolvimento e expansão de consciência, tratando de nossa origem espiritual e da finalidade de nossa evolução.

Movimento Rosacruz no Brasil

Centros e Grupos Autorizados	Endereço	Contato
<i>Fraternidade Rosacruz Sede Central do Brasil</i>	<i>Rua Asdrúbal do Nascimento, 196 CEP:01316-030 São Paulo - SP, Brasil</i>	<i>Fone/Fax:(0xx11)3107-4740 E-mail : rosacruz@fraternidaderosacruz.com.br Site: www.fraternidaderosacruz.com.br Loja virtual : www.fraternidaderosacruz.org.br</i>
<i>Fraternidade Rosacruz Centro Autorizado do Rio de Janeiro</i>	<i>Rua Enes de Souza 19 - Tijuca – Cep. 20521-210 - Rio de Janeiro - RJ</i>	<i>Telefone celular: (55) (21) 9548-7397 E-mail: rosacruzmhrio@gmail.com Sites: www.rosacruzri.org.br www.fraternidaderosacruz.org</i>
<i>Fraternidade Rosacruz Centro Autorizado de Campinas</i>	<i>Av.Francisco Glicério, 1326 - 8 Andar - Sala 82 - Centro - Cep.13012-100 - Campinas - SP</i>	<i>E-mail: rosacruz@fraternidaderosacruz.com Site : www.fraternidaderosacruz.com</i>
<i>Fraternidade Rosacruz Centro Autorizado de Santo André</i>	<i>Av.Dr.Cesário Bastos, 366 - Vila Bastos - Cep.09040-330 - Santo André - SP</i>	
<i>Fraternidade Rosacruz Grupo de Estudos de São Pedro</i>	<i>Rua Vasco Altafim, 517 Santa Cruz - São Pedro - 13520-000 - SP</i>	



E-Book Gratuito

Este trabalho faz parte de uma série de vinte conferências pronunciadas por Max Heindel em 1909 sobre CRISTIANISMO ROSACRUZ

Venda Proibida

Pode ser compartilhado sem fins lucrativos.

FRATERNIDADE ROSACRUZ

Centro Autorizado do Rio de Janeiro

Rua Enes de Souza, 19 Tijuca, Rio de Janeiro, R.J. Brasil 20521-210
Telefone celular: (21) 9548-7397 - E-mail: rosacruzmrj@gmail.com

Endereços Web

Site Rubi Alquímico

www.fraternidaderosacruz.org

www.christianrosenkreuz.org

Site Diamante Alquímico

www.rosacruzrj.org.br

Matriz:

THE ROSICRUCIAN FELLOWSHIP

Rosicrucian Fellowship , 2222 Mission Ave , Oceanside, CA 92058-2329

www.rosicrucian.com

www.rosicrucianfellowship.org

(760) 757-6600 (voice), (760) 721-3806 (fax)

© 2013